

ATAQUES À EDUCAÇÃO: UM OLHAR SOBRE AS CRÍTICAS QUE O EDUCADOR PAULO FREIRE VEM SOFRENDO DO ATUAL GOVERNO BOLSONARO

Maria Jocelma Duarte de Lima*, Francisco Alves da Costa Neto**
Cicero Nilton Moreira da Silva***

RESUMO

O presente trabalho tem como finalidade resgatar e evidenciar as concepções do educador e patrono da educação brasileira, Paulo Freire, abordadas no livro *Pedagogia da autonomia*. Buscamos ainda destacar alguns dos ataques que o educador vem sofrendo da cúpula do atual Governo Bolsonaro. Assim, estruturamos o nosso trabalho da seguinte maneira: primeiramente trazemos as nossas considerações iniciais, em seguida o nosso percurso metodológico baseado em uma pesquisa qualitativa, que tem o intuito de analisar a realidade desse “confronto” de ideias. A seguir, trazemos um capítulo teórico abordando as concepções de Freire na obra *Pedagogia da autonomia*, bem como a estruturação do bolsonarismo como agente de ataque, estabelecendo as origens e elementos de suas ofensivas. Por último, refletimos sobre as nossas considerações finais.

Palavras-chave: Paulo Freire. Educação. Bolsonarismo.

*ATTACKS ON EDUCATION: A LOOK AT THE CRITICS THAT EDUCATOR PAULO
FREIRE IS SUFFERING FROM THE CURRENT BOLSONARO GOVERNMENT*

ABSTRACT

The present work aims to rescue and highlight the conceptions of the educator and patron of Brazilian education Paulo Freire, addressed in the book “Pedagogy of

* Especializanda em Políticas e Práticas da Educação Escolar pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Graduada em Pedagogia pela UERN. Professora efetiva na Escola Municipal 04 de Outubro, na cidade de José da Penha (RN). ORCID: 0000-0002-4997-3642. Correio eletrônico: jocelmalima3@gmail.com

** Especializando em Educação Ambiental e Geografia do Semiárido pelo Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Licenciado em Geografia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). ORCID: 0000-0002-7401-9180. Correio eletrônico: franciscoalves258@gmail.com

*** Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre e licenciado em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professor Adjunto da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). ORCID: 0000-0001-6773-7451. Correio eletrônico: ciceronilton@yahoo.com.br

autonomy". We also seek to highlight some of the attacks that the educator has been suffering from the top of the current Bolsonaro government. Therefore, we structured our work as follows: first we bring our initial considerations, then our methodological path based on a qualitative research, which aims to analyze the reality of this proposed "confrontation" of ideas. Then we bring a theoretical chapter addressing Freire's conceptions in the work "Pedagogy of Autonomy", as well as the structuring of bolsonarism as an attack agent and establishing the origins and elements of his offensives. And finally, we reflect our final remarks.

Keywords: Paulo Freire. Education. Bolsonarism.

ATAQUES A LA EDUCACIÓN: UNA MIRADA A LA CRÍTICA QUE SUFRE EL EDUCADOR PAULO FREIRE DEL ACTUAL GOBIERNO BOLSONARO

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo rescatar y resaltar las concepciones del educador y mecenas de la educación brasileña Paulo Freire, abordadas en el libro "Pedagogía de la Autonomía". También buscamos destacar algunos de los ataques que el educador viene sufriendo de la cúpula del actual Gobierno Bolsonaro. Por ello, estructuramos nuestro trabajo de la siguiente manera: primero traemos nuestras consideraciones iniciales; luego nuestro camino metodológico basado en la investigación cualitativa, que tiene como objetivo analizar la realidad de esta propuesta de "enfrentamiento" de ideas propuestas. A continuación, traemos un capítulo teórico que aborda las concepciones de Freire en la obra Pedagogía de la Autonomía, así como la estructuración del bolsonarismo como agente atacante y establece los orígenes y elementos de sus ofensivas. Y finalmente, reflejamos nuestras consideraciones finales.

Palabras clave: Paulo Freire. Educación. Bolsonarismo.

1 INTRODUÇÃO

Quando se fala em educação, principalmente em educação transformadora, lembramo-nos do educador Paulo Freire. Pernambucano, nasceu em 1921. Durante seus 72 anos de vida, deixou um patrimônio histórico para a educação brasileira e, por que não dizer, para a educação mundial. Começou seu marco na educação como professor de Língua Portuguesa, e, a partir daí, abriram-se caminhos que levaram o educador para a História.

O seu maior legado é baseado na sua forma de ensinar, na sua forma de compartilhar conhecimentos somados através das suas diversas experiências e, principalmente, da forma como ele via e valorizava os educandos no processo de ensino-aprendizado. O maior destaque para a sua prática foi o método de alfabetização. Nele o educador trabalhava esse processo partindo da realidade dos educandos, as conhecidas palavras geradoras. Perseguido e exilado durante os governos mili-

tares no Brasil, Freire nos mostrou que pensar em uma educação emancipadora e crítica gera um incômodo demasiado nas estruturas de poder dominante.

Atualmente, vivenciamos tempos difíceis no nosso país, principalmente no que diz respeito à educação. Tal situação aflora mediante acusação de “doutrinação ideológica” por parte dos professores, querela intensificada na década de 2010. Desde então, os ataques aos educadores, pesquisadores e todos que compõem o campo educacional são constantes. No intuito de criar um inimigo em comum para servir de alvo político-ideológico, essas ofensivas se direcionaram ao educador Paulo Freire. Este, como uma referência nas teorias educacionais modernas, vem sendo tido como culpado pelo “fracasso” do ensino nacional – ataques ao seu legado, à sua prática pedagógica e a tudo aquilo que ele deixou marcado na história.

Diante disso, temos como objetivo contrapor os ataques e críticas ideológicas contra o educador Paulo Freire e seu legado. Temos ainda como objetivo evidenciar pontos relevantes que o autor traz no seu livro *Pedagogia da autonomia*, e os reflexos que essas críticas feitas pelo Governo Bolsonaro podem trazer para a educação.

Nesse sentido, o interesse pelo estudo da temática se dá, antes de qualquer coisa, pela condição política que assumimos enquanto pesquisadores, humanos e educadores. Entendemos que, embora o alvo principal seja Paulo Freire, sua prática e suas teorias, o rebate dessa ofensiva atinge diretamente a ideia de escola enquanto instituição pública. Dessa forma, banalizar esse momento de conflito não é a melhor opção na atualidade. Entretanto, salientamos que não pretendemos apenas formular uma defesa sem o devido embasamento, já que assim esta se esvaziaria no próprio discurso.

Nossa metodologia é baseada em estudo bibliográfico, o que nos permitiu reler a obra do autor – *Pedagogia da autonomia* (1996) e *Pedagogia do oprimido* (1987) – e entrar em contato com visões de outros pesquisadores, como Matias (2016) e Bermúdez (2020). Dessa forma, estruturamos o nosso trabalho da seguinte maneira: primeiramente, destacamos ideias abordadas pelo autor na sua obra *Pedagogia da autonomia*. Em seguida, trazemos os ataques que o educador tem sofrido na atualidade, as nossas concepções sobre o assunto, e o que de fato isso pode refletir na educação, e, por último, as nossas considerações finais.

2 METODOLOGIA

A seguir, vamos descrever a metodologia adotada neste trabalho, caracterizando cada uma de nossas opções. A abordagem da pesquisa é qualitativa. Conforme Silveira e Córdova (2009, p. 32), “[...] a pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais [...]” – é justamente o que propomos realizar, ou seja, uma tentativa de explicar a relação social de conflito existente entre o Governo Bolsonaro e as concepções de Paulo Freire sobre educação.

Ao optarmos pelo processo de pesquisa em bases qualitativas, entendemos que adotamos uma conduta vinculada na apreensão dos fenômenos da realidade, buscando neles as razões sociais e históricas nas quais se formam. Desse modo,

entendemos que para a compreensão das relações conflituosas estabelecidas entre as teorias freirianas e a base ideológico do atual governo se faz necessário que, enquanto pesquisadores, entendamos sua construção.

Os procedimentos que adotamos se referem a uma pesquisa bibliográfica que tem como forte característica a investigação sobre ideologias. Segundo Gil (2008, p. 50), é um tipo de pesquisa

[...] desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas.

Uma forte característica desse tipo de pesquisa é a investigação sobre ideologias.

Fonseca (2002) nos cita outras fontes que também podem ser usadas na pesquisa bibliográfica. O autor diz que “[...] a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de *websites*.” (FONSECA, 2002, p. 32). No caso, utilizamos também os meios eletrônicos, principalmente os *sites* que foram fontes das nossas pesquisas. Sobre estes, utilizamos matérias postadas por colunistas de Educação do UOL¹, do jornal Gazeta do Povo e do canal Band Jornalismo na plataforma do Youtube, buscando, desse modo, avaliar a matéria jornalística. Também foram utilizado *sites* e vídeos vinculados a expoentes do bolsonarismo e da direita conservadora sobre o assunto, sendo utilizados, para tanto, os canais do Movimento Brasil Livre (MBL) e Brasil Paralelo, bem como o *blog* pessoal do “professor” Olavo de Carvalho.

Compreendendo a vasta obra deixada por Paulo Freire, optamos por fazer um recorte bibliográfico, escolhendo a obra *Pedagogia da autonomia* (1996). Observamos ser de grande relevância trazê-la ao foco, pelo fato de ser esta a última publicação feita pelo educador.

3 PEDAGOGIA DA AUTONOMIA: UM BREVE OLHAR SOBRE AS CONCEPÇÕES DO EDUCADOR

A priori, consideramos importante destacar a atualidade do debate de Paulo Freire no contexto educacional brasileiro, mesmo que já tenham transcorridos mais de 20 (vinte) anos da publicação original do livro *Pedagogia da autonomia*. Dotada de inquietações atemporais, Freire consegue nos mostrar que a história tende a ser bastante cíclica, fazendo com que fenômenos se repitam (ou talvez, nem mudem); tal visão se encontra presente no Brasil, principalmente diante do cenário político e social em que nos encontramos. A sensação que retrocedemos lateja em nossa mente, e o desencanto parece algo inevitável.

Na oportunidade de fazermos uma releitura da obra *Pedagogia da autonomia*, destacamos pontos pertinentes e imprescindíveis para a atualidade.

¹ Abreviatura de Universo Online; corresponde a um *site* de notícias que abriga diversos colunistas sobre variados temas, como educação, esporte, saúde.

Assuntos que estão ligados à educação e à vivência em sociedade. Durante os nossos estudos, também tivemos a oportunidade de conhecer a influência do educador na escrita de muitos outros educadores, compondo uma “rede” de ideias que se espalham e se refletem em práticas de muitos profissionais que fazem a nossa educação.

Por meio do processo de construção, é necessário situar quais as principais ideias que nos são apresentadas no livro, buscando intrinsecamente o fio que o conduz em sua escrita. Desse modo, poder-se-ão abstrair as principais noções freirianas que a obra nos mostra e daí entender por que elas tanto incomodam o grupo político que se encontra no poder.

O assunto que permeia toda a escrita da sua obra é a ética. Em resumo, o autor aborda a importância da ética para os professores e também para além da escola; discute, enfim, a relevância da ética em todas as relações sociais dos seres humanos. O autor fala de uma ética que

[...] condena a exploração da força de trabalho do ser humano, que condena acusar por ouvir dizer, afirmar que alguém falou A sabendo que foi dito B, falsear a verdade, iludir o incauto, golpear o fraco e indefeso, soterrar o sonho e a utopia, prometer sabendo que não cumprirá a promessa, testemunhar mentirosamente, falar mal dos outros pelo gosto de falar mal. A ética que falo é a que se sabe traída e negada nos comportamentos grosseiramente imorais como na perversão hipócrita da *pureza em puritanismo*. (FREIRE, 1996, p. 16, grifo nosso).

Ao analisarmos a afirmação do autor, vemos que ele defende uma ética baseada na verdade, na ajuda ao necessitado e na valorização das minorias. Essa luta é marca na vida de Paulo Freire, que, em meio à sua prática docente, demonstrou fielmente que a educação está intimamente ligada às relações sociais e principalmente às lutas que precisamos travar enquanto classe oprimida. Esse é justamente o cenário social brasileiro, uma maioria que tem acesso ao mínimo e uma minoria privilegiada que tem acesso ao máximo, para além do necessário, e, em grande parte do tempo, age tirando a oportunidade de ascensão da população explorada.

Concomitante à discussão anterior, o autor ressalta, na sua obra, o fato de termos consciência de que somos seres condicionados e não determinados. A partir do momento que conhecemos a diferença dos termos e “aplicamos” esta diferença na nossa realidade, define-se de fato o nosso futuro. Quando acreditamos que somos determinados pelo meio, pelas condições sociais, entre outros fatos, deixamos muitas vezes de lutar pelos nossos direitos e por mudanças positivas na nossa realidade. Quando acreditamos nas condições e nas possibilidades que temos de lutar para mudar a nossa realidade, tornamo-nos mais fortes nesse processo de mudança.

Podemos notar, nestas considerações preliminares, que está na gênese do pensamento freiriano a inquietação intelectual sobre os sistemas preestabelecidos. Uma educação voltada a esse processo de inquietude representa automaticamente um temor por parte das estruturas de poder sobre a sua dominação. Desse modo, começamos a entender que a base desse princípio ético, exercido na educação, pode promover um processo emancipatório nos estudantes, dando-lhes corpo e capacidade de se colocar criticamente diante do que lhes é posto.

Como não poderia ser diferente, outro ponto que merece muito destaque das concepções do autor na escrita dessa obra é a sua visão sobre o educador progressista e o educador conservador. Um educador que tem uma visão progressista possibilita aos seus alunos muito mais que a crença de constituírem seres condicionados. Ao contrário, estimula-os a buscar melhores condições sociais. O educador progressista incentiva a criatividade dos alunos, bem como está disponível para

[...] ouvir ideias diferentes das suas, encorajar os alunos a realizar seus próprios projetos; estimular o questionamento, dando-lhes tempo para pensar e para testarem hipóteses; estimular a curiosidade; criar um ambiente sem pressões, amigável, seguro; usar uma crítica com cautela; e buscar descobrir o potencial de cada aluno. (ALENCAR, 2008, p. 297).

Vemos que a visão de Alencar (2008) consegue englobar a concepção de Freire sobre esses professores progressistas e suas atitudes diante dos educandos. Acrescentamos ainda que essas atitudes dos professores possibilitam uma relação muito mais afetuosa com os seus alunos, proporcionando um ambiente muito mais propício para aprendizagens e diálogos constantes.

Freire ainda nos traz uma espécie de alerta importante sobre os professores progressistas, quando diz crer que “[...] nunca precisou o professor progressista estar tão advertido quanto hoje em face à esperteza com que a ideologia dominante insinua a neutralidade da educação.” (FREIRE, 1996, p. 98). Abre-se aqui outra relevante discussão que é tratada em sua obra, a “neutralidade da educação”. Há quem defenda justamente a existência dessa educação neutra, isenta de ideologias políticas e concepções opostas a que a classe dominante perpetua. Porém, o educador se posiciona, afirmando não existir essa neutralidade. O simples fato de um professor estar em sala de aula é um ato político. Inclusive, é importante que os alunos conheçam seus posicionamentos e que os professores busquem dialogar com concepções diferentes, as quais podem vir, certamente, dos próprios alunos.

Outra questão pertinente apresentada na obra é o debate sobre a democracia. Facilmente trazemos para a atualidade essa reflexão e empreendemos uma analogia com a situação que vivenciamos nos últimos tempos, quando certos grupos “lutam” e pedem o fim da tão recente democracia no nosso país e clamam por regimes autoritários.

Na sua obra, o autor se refere ao autoritarismo em sala de aula e ao fato de não existir disciplina por parte dos alunos quando são tratados de forma autoritária. Ele diz que “[...] o bom seria que experimentássemos o confronto realmente tenso em que a autoridade de um lado e a liberdade do outro, medindo-se, se avaliassem e fossem aprendendo a ser ou a estar sendo elas mesmas, na produção de situações dialógicas.” (FREIRE, 1996, p. 89).

A História com H maiúsculo² nos conta que já experimentamos regimes autoritários, o que nos possibilita fazer um confronto entre viver sob o autoritarismo e viver com a nossa liberdade de expressão. O que determina qual “opção” escolhermos está justamente ligado a uma educação pautada na liberdade, e não

² Quando se utiliza essa expressão, está-se referindo à ciência que estuda fatos do nosso passado e do nosso presente, para que possam ser contados no futuro.

no autoritarismo. Desse modo, a posição de professor que tomamos dentro de uma sala de aula influencia muito os cidadãos que formamos na sociedade.

Fazer essa relação do ensino com a realidade é marca registrada de Freire; desde suas primeiras obras, de seus primeiros passos na educação, o professor já pensava/fazia essa relação. Em sua obra, Freire também faz “[...] uma crítica ao modelo neoliberal, a uma ideologia fatalista em relação às potencialidades humanas, a educação insossa, procura encorajar o educador à reflexão crítica sobre a prática docente.” (MATIAS, 2016, p. 2). Ou seja, o processo de encorajamento dos professores consiste no conhecimento pessoal e profissional, conhecimento dos alunos e de suas realidades. A partir daí, os professores podem pensar suas práticas. Isso também perpassa o fato de os educadores acreditarem e despertarem nos alunos a certeza de que somos seres condicionados e não determinados por nossas situações atuais, proporcionando assim um discurso que desperte no profissional e no aluno a vontade de lutar para mudar determinadas situações. Desta forma, essa postura docente deve promover reflexos positivos na formação dos alunos, formando assim cidadãos mais autônomos e encorajados a buscar mecanismos de mudança da sua realidade.

Ao longo de muitos anos, as obras do educador vêm contribuindo para os estudos, pesquisas e escritas de muitos outros profissionais, inclusive de outras áreas do conhecimento além da educação. Desta forma, buscamos também algumas concepções de outros pesquisadores, como Lima (2011, p. 1), que faz uma releitura da obra de Freire e nos indica que

[...] o livro *Pedagogia da Autonomia* bem poderia ter sido intitulado *Pedagogia da Decisão*, versando sobre os saberes necessários à prática da educação como deliberação individual e coletiva, de educadores e também de educandos, em processo de construção da sua autonomia.

Ou seja, o livro tem como finalidade trazer à tona decisões que os educadores precisam tomar para tornar suas práticas libertadoras, colaborando com os seus processos de autonomia, bem quanto com o dos seus alunos. Esse é verdadeiramente um aspecto forte na escrita da obra e um ponto que contribui muito para o processo de autoformação e de reflexão sobre nossas próprias práticas enquanto educadores.

A educação que Freire defende é uma educação libertadora, que vai além do ensino de conteúdo. Ele defende também “[...] uma educação como prática da liberdade, fundamentada na teoria da ação dialógica, que substitui o autoritarismo presente na escola tradicional pelo diálogo democrático nos diferentes espaços de vivências e de aprendizagens.” (MENEZES; SANTIAGO, 2014, p. 6).

Esse foi o modelo de educação que ele seguiu enquanto educador e que defendeu enquanto Secretário de Educação de São Paulo entre os anos de 1989-1991, e principalmente esse foi o exemplo de educação que deixou como legado para as gerações futuras. É essa perspectiva que permeia hoje as universidades, gerando discussões, pesquisas e estudos sobre a temática. Infelizmente, embora muito debatido no âmbito acadêmico, essa concepção de educação libertadora ainda não consegue chegar, de fato, às escolas de uma maneira geral. Porém, qual seria o motivo dessa educação tão defendida não se efetivar na prática? Os motivos são

vários e tornam esse modelo raro. Um que certamente podemos citar se refere ao pouco investimento em educação por parte dos governantes.

Para a classe hegemônica que se encontra no poder, investir em uma educação que busca contribuir para a autonomia dos alunos, principalmente dos que se encontram em situação de vulnerabilidade e excluídos socialmente, não é prioridade, pois sabemos que o opressor jamais contribui para a libertação do oprimido; ao contrário, usa de ferramentas de manutenção para que essa opressão possa se estender por muito mais tempo. Todavia, a educação que liberta, que oportuniza aos oprimidos lutar pelos seus direitos na sociedade não é, necessariamente, prioridade para os governantes.

Entretanto, o legado de Freire vem transformando realidades através dos educadores que, em sala de aula, em geral, sem apoio de governantes, conseguem transformar a realidade dos alunos, instigando-os a buscar melhores condições de desenvolvimento. São essas marcas históricas de contestação da ordem vigente via educação progressista e libertadora que atualmente no Brasil vêm sofrendo duras críticas do Governo Bolsonaro, e é justamente sobre isso que iremos discutir a seguir.

4 BOLSONARISMO: O MONSTRO QUE SAIU DOS PORÕES

Talvez, uma das melhores frases que representa a relação conflituosa entre as ideias defendidas por Freire e a corrente política de extrema direita que se formou no Brasil desde meados dos anos 2010 seja o trecho de um samba enredo da Escola de Samba carioca Estação Primeira de Mangueira, em 2020. No momento em que expõe, em sua letra, que “[...] não tem futuro sem partilha, nem Messias de arma na mão.” (MANGUEIRA, 2020, p. 1). Assume-se, nesse momento, uma escolha política pelo amor e contra o ódio. Concebemos que seja esse o maior conflito que se trava entre educadores e o poder governamental da atualidade. Para que possamos entender melhor como chegamos ao ponto de reativar o debate entre amor e ódio na educação, faz-se necessário compreender como se formou aquilo que chamaremos de bolsonarismo, e que, de forma geral, deu corpo aos críticos da educação e de Paulo Freire.

A década de 2010, desse modo, serve-nos como importante marco dos ataques massivos aos educadores, impulsionados com o avanço da extrema direita no mundo. No Brasil, esses ataques focam inicialmente o combate a algo que se denomina de “ideologia de gênero” e, com um sistema bem articulado de factoides em rede sociais, começam a disseminar ideias-força contrárias à democracia e à educação libertadora. Surgem as denominadas *fake news*, as quais carregam consigo um discurso de ódio, difamação e deturpação político-ideológica que adentra aos lares das famílias brasileiras e corrompe o ideário libertador. Por outro lado, contribuem para o recrudescimento das desigualdades sociais e regionais Brasil afora, colocando o educador que adota a perspectiva freiriana na posição de doutrinador. Vale ressaltar que o termo “ideologia de gênero” não é em si uma produção nacional, sob esse rótulo vemos que o

[...] termo que foi cunhado pelos setores conservadores da Igreja Católica, mas adotado também por denominações protestantes, e colocado

em curso em vários países do mundo, entre eles o Brasil, como forma de organizar a oposição aos avanços [...] na direção de maior igualdade entre os sexos e maior respeito a gays e lésbicas. (MIGUEL, 2015, p. 592).

No entanto, mesmo o termo não sendo reconhecido no campo dos estudos de gênero, teve rápida disseminação, principalmente no Brasil, o que fez com que fossem colocados novamente à tona projetos como “Escola sem partido” e a sequência de projetos municipais que proibiam a disciplina de Ideologia de Gênero na escola, mesmo que esta nunca tenha sido cogitada no currículo escolar. A esse respeito, comungamos das ideias de Amorim e Salej (2016) ao afirmarem que o discurso que se criou acerca dos estudos de gênero vão para além de um mero equívoco e funcionam como uma estratégia política bem planejada.

Alimentados por esse contexto de ódio e desinformação, percebemos que o bolsonarismo encontra o campo perfeito para alçar novos voos políticos. De fato, olhando pelo retrovisor, é inegável que Bolsonaro foi o único político capaz de utilizar com primazia a fábrica de *fake news*, criadas em meados de 2010. Apoiando-se no medo e na rápida assimilação de manchetes sensacionalistas bombásticas (apregando discursos fundamentados em misoginia, xenofobia, homofobia, racismo etc.) que, por mais absurdas que fossem, eram facilmente engolidas e assimiladas por quem as recebia e dava crédito. Assim, um monstro foi se criando e ganhando escopo nesse contexto: o bolsonarismo.

Inegavelmente, o bolsonarismo se incorporou à sociedade brasileira de uma maneira doentia, gerando correntes de disseminação do ódio para os mais diversos setores da sociedade, focalizando áreas tidas como progressistas; de maneira mais específica e contundente, a educação. Bolsonaro conseguiu sistematizar um discurso que descreditasse os professores e pesquisadores e, na tentativa de criar um inimigo comum, transformou Paulo Freire num alvo marcado. Antes de sua eleição, já era “comum” ver, em manifestações anticomunistas, associação de Freire com a doutrinação marxista.

Figura 1 – Manifestação em 2015



Fonte: Santiago (2015).

Percebemos, na Figura 1, uma frase que vai dar a tônica do combate que o bolsonarismo vai empreender contra a educação. Ao criar a ideia de um marxismo cultural nas escolas, o governo culpa Freire por esse processo no ensino, gerando

na população a crença de que esse embate seja plausível. Santiago (2015), ao repercutir o peso da exibição dessa faixa, expõe que muito da ideia de doutrinação comunista parte de uma leitura equivocada da obra *Pedagogia do oprimido* (1987).

Freire (1987) destaca alguns pontos importantes que serão a marca de sua pedagogia. Entre eles, a ideia de que o aluno não é uma caixa vazia; ensinar não se resume a transferir conhecimento; o aluno deve ser colocado como sujeito do processo de aprendizagem; professores e alunos apreendem juntos. Desse modo, Santiago (2015) destaca que a aproximação de Freire com Marx e Gramsci não fez com que o autor incitasse, em nenhum momento, uma ditadura do proletariado.

No tocante ao surgimento do bolsonarismo, destacamos o pensamento de Cesarino (2019), que consegue explicitar mecanismos que explicam essa arrancada do populismo digital através de alguns pontos:

[...] mobilização permanente através de conteúdos alarmistas e conspiratórios; espelho invertido do inimigo e devolução de acusações; e criação de um canal direto e exclusivo de comunicação entre a liderança e seu público através da deslegitimação de instâncias de produção de conhecimento autorizado na esfera pública (notadamente, a academia e a imprensa profissional) (CESARINO, 2019, p. 533).

Através desses três pontos elencados pela autora, conseguimos fazer algumas ponderações importantes.

O primeiro ponto se refere à propagação dos conteúdos. Em uma retomada breve na memória, lembraremos como essas “notícias” chegam pelas redes sociais (em destaque, por intermédio do popular aplicativo denominado *WhatsApp*). Com uma manchete chamativa e texto curto, as mensagens são transmitidas para gerar um alarme nítido às pessoas. Transpondo essa noção para a educação, tenta-se introjetar, nos pais e alunos, a ideia de que os professores estão modificando moralmente os estudantes.

O segundo ponto destaca um mecanismo bastante comum das estratégias militares: a criação de um inimigo e seu espelhamento. Para que a luta contra esse inimigo se valide, é necessário que haja reação ao ataque investido, se não, a guerra em si não existiria, e os ataques seriam tidos como infundados por parte de quem os realiza. Então é necessário que as trocas de acusações existam para o sustento do bolsonarismo.

Por fim, o último ponto de construção do bolsonarismo recai na criação bem articulada de um canal (digital) e nele a propagação da desvalidação científica. Nesse momento, os ataques às universidades e à ciência se intensificam e resultam na retirada de investimentos em pesquisa e no avanço das teorias negacionistas da ciência. Nesse redemoinho, notamos que os principais atingidos são as ciências humanas e os estudiosos da educação.

Ademais, compreendemos aqui que a construção do bolsonarismo se deu de maneira bastante articulada com o fenômeno do populismo digital. Partindo das compreensões de Cesarino (2019), observamos que, no caso nacional, esse populismo ganhou novos elementos específicos da nossa realidade, como a ideia de *corpo digital do rei*. A autora constrói esse conceito fundamentado na ideia medieval do corpo glorioso do rei para além do divino. No Brasil, essa concepção se concretizou no momento “pós-facada” de Bolsonaro, fato que o retirou dos de-

bates em plena campanha eleitoral de 2018; criou nele, porém, um corpo digital de rei, com mobilização de robôs e apoiadores.

5 SISTEMA DE ATAQUES: A VISÃO “DISTORCIDA” QUE O GOVERNO TENTA PASSAR SOBRE O PATRONO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

No processo de levantamento de fontes de notícias e publicações referentes à figura de Paulo Freire e sua associação atual, de início consideramos importante destacar o texto do doutor Sérgio Haddad³ em entrevista feita ao UOL em dezembro de 2018 na coluna de educação editada por Wellington Ramalhos. Ele iniciou a sua escrita com a seguinte inquietação: “Por que o Brasil de Olavo e Bolsonaro vê em Paulo Freire um inimigo?” (RAMALHOSO, 2018). Tal proposição também nos serviu como força motivadora na construção do presente trabalho.

Buscando entender essa questão, formulamos, primariamente, uma ideia que pode vir a explicar tal fenômeno. Esse “Brasil” ter por objetivo transformar o patrono da educação⁴ em inimigo deriva, antes de tudo, de um conflito de ideias, por divergências políticas e principalmente por entender o perigo do legado de Paulo Freire, que se apresenta como uma ameaça à classe dominante, pois, quando o proletariado acredita no potencial de superação das suas realidades sociais, tende a se organizar e lutar contra as opressões.

Diante disso, fica até “fácil” de entender o porquê dos sucessivos ataques carregados de raiva que Freire vem sofrendo. Podemos pensar sobre isso a partir de uma leitura mais profunda a respeito da visão do educador sobre pessoas com pensamentos e ideologias diferentes. Na obra *Pedagogia da autonomia*, ele deixa claro o que pensa a respeito disso:

[...] nem sempre temos o valor indispensável para não permitir que a raiva que podemos ter de alguém vire raivosidade que gera um pensar errado e falso. Por mais que me desagrade uma pessoa, não posso menosprezá-la com um discurso em que, cheio de mim mesmo, decreto sua incompetência absoluta. Discurso em que, cheio de mim mesmo, trato-a com desdém, do alto da minha falsa superioridade. A mim não me dá raiva, mas pena quando pessoas assim raivosas, arvoradas em figuras de gênio, me minimizam e destrutam. (FREIRE, 1996, p. 49).

Quando comparamos ambos os posicionamentos, percebemos a divergência existente entre o educador e os seus “acusadores”; percebemos a sensibilidade e a empatia que sobra em uma visão e falta em outra; não há mesmo muito a ser dito por nós, pois, em sua fala, Freire já deixa explícito que suas divergências com aqueles que o colocaram como inimigo vão além da ideia que se tem sobre educação, esbarram também em uma ideia a respeito da humanidade dos seres. Observamos igualmente que as declarações proferidas de maneira pública ou em discursos disseminados possuem uma base bastante frágil por não recorrerem a fatos, e sim a criações ilusórias e mal-intencionadas.

³ Doutor em Educação e biógrafo de Paulo Freire.

⁴ Título adquirido em 2012 por votação no Congresso Nacional.

Ainda retomando a entrevista feita a Sérgio Haddad, vemos que ele relata os recentes e frequentes ataques direcionados ao educador e associa isso ao fato de o atual governo ter concepções e ideias conservadoras. Cabe destacar, nesse momento, a forma como essas ideias conservadoras chegam ao Brasil. Quadros (2015, p. 109) nos demonstra que o conservadorismo se desenvolve no país “[...] não por meio do esforço de intelectuais, mas através das crenças morais e ideológicas que residem no homem comum, alheio a problemas filosóficos de fundo.” Tal elemento, tão próprio da realidade social brasileira, reflete a força dos discursos que se consideram conservadores ao se associarem a valores morais da sociedade.

Na entrevista, o biógrafo ainda relata as inúmeras vezes em que Freire foi acusado de ser comunista, fato esse nunca comprovado na história do educador. Entre muitos fatos importantes, Haddad traz um dos pontos mais discutidos nos últimos anos, o movimento intitulado “Escola sem partido”. Esta é mais uma tentativa falha de mostrar uma neutralidade inexistente na educação e de erradicar as concepções freirianas do chão das nossas escolas.

Uma das marcas das ideias de Paulo Freire é justamente acreditar e pregar que a escola, menos ainda a educação, constitui um espaço neutro, pois é permeada de ideais políticos de diferentes vertentes. Já dizia o educador que a neutralidade não existe na educação, “[...] o que devo pretender não é a neutralidade da educação, mas o respeito a toda prova, aos educandos, aos educadores e às educadoras.” (FREIRE, 1996, p. 111). O autor traz justamente a palavra-chave do convívio em toda e qualquer situação na sociedade: o respeito. Quando há respeito, o diferente não é um obstáculo no convívio e em nenhuma relação social.

O respeito move todas as relações sociais e preserva todos os pontos de vista distintos, porém a falta dele pode vir a difamar a imagem de pessoas e pensamentos, apenas por não haver concordância entre ideais. E é justamente isso que vem acontecendo no atual governo. Quando falamos de Paulo Freire, os ataques são cruéis e constantes. Um exemplo disso, talvez o mais midiático e direto, foi, em uma coletiva de imprensa, o presidente Bolsonaro ter chamado o educador Paulo Freire de “energúmeno”, passando a culpá-lo pela insatisfatória classificação do país no PISA⁵. Vemos aí uma ofensiva direta à memória e a todo o legado que Paulo Freire deixou para a educação. Observamos ainda um discurso que se esvazia de fundamentação, pautado em um “achismo” de associação rápida.

O fato de o presidente da República chamar o maior educador do país de “energúmeno” caiu como um soco no estômago para os educadores. Embora essa onda de ataques não seja algo recente, parece-nos que ela nunca foi tão explícita por parte dos agentes neoliberais e, de maneira mais específica, do bolsonarismo. A partir desse momento, conseguimos notar que se formulou a ideia de um inimigo a ser destruído, a qual se justifica pelo falacioso medo e associação de um intelectual à corrente política do comunismo.

Posteriormente a essa declaração feita por Bolsonaro sobre Freire, houve uma reação por parte dos educadores e grupos políticos. Algo que nos chamou a atenção foi o fato de a corrente política de direita formada por dissidentes do bolsonarismo ter também se mobilizado em uma “defesa”.

⁵ Programa Internacional de Avaliação de Alunos.

Nesse cenário, destacamos o Movimento Brasil Livre (MBL), que formulou um vídeo no qual Fernando Holliday (professor de História) realiza um processo de defesa diante da declaração pública do presidente. Porém, no vídeo se nota explicitamente que o professor é adepto da ideia de que o autor da *Pedagogia do oprimido* seria um “inimigo” da direita. Percebe-se ainda o uso do termo “vagabundagem”, ao referir-se a momentos de greve docente. Não há aí um processo de consciência de classe por meio do qual os trabalhadores lutam por seus direitos. Ao contrário, o professor Holliday certamente se opõe a tal processo.

Isso nos lembra o fato de que os ataques a Freire não se referem apenas a ele. Trata-se de um ataque direto à educação e aos educadores que compõem seu grupo de apoiadores. O fato de Holliday ser licenciado em história não o exime da culpa de suas declarações e comprova que os ataques são disparados de muitos lados. Desse modo, é importante termos cuidado com os discursos que se apresentam como bem-intencionados de um lado e por outro se mostram como destruidores de direitos de classe.

Outro evento de relevância que pode ser considerado como resposta ao ataque direto de Bolsonaro foi o desfile da Escola de Samba paulistana Águia de Ouro, em 2020. Bermúdez (2020) publica uma matéria no UOL, posterior ao resultado do carnaval paulistano, em que se recorda a menção a Paulo Freire no último carro da escola, que tinha como enredo *O poder do saber - se saber é poder? Quem sabe faz a hora, não espera acontecer*. Acredita-se ter sido uma resposta à declaração feita pelo presidente.

Durante a mesma publicação, Bermúdez (2020) recobra a ideia de que associar o educador a uma doutrinação comunista não tem muita lógica. Quando observamos a vida de Freire, notamos elementos que nos chamam a atenção. Em primeiro lugar, o fato de não haver simpatia do educador com regimes socialistas. Como segundo fator, está o fato de o projeto em Angicos⁶ ter sido financiado pela Aliança para o Progresso dos Estados Unidos visando, por parte de seus financiadores, ao combate ao comunismo.

Torna-se relevante recordar que esses ataques já aconteciam. Não é, portanto, um produto do ano de 2019, surgindo apenas na fala do presidente. Um exemplo disso foi o jornalista e escritor Gabriel de Arruda Castro, que em 2017 publica uma matéria com ataques diretos a Paulo Freire, relacionando as ideias do educador a questões relativas a ditaduras e doutrinações. Contudo, percebemos que aquilo que é apresentado pelo jornalista em sua matéria representa aquilo que vai se tornar o discurso uníssono do Bolsonaro pós-campanha. Inclusive, refletiu-se nas escolhas ministeriais feitas pelo governo. Por exemplo, para o Ministério da Educação, que, em suas sucessivas mudanças, preserva um fator em comum, o combate ao que se denomina de “marxismo cultural”.

Na nossa busca por informações e afirmações referentes à pesquisa, encontramos um texto alusivo à visão olavista⁷ sobre Freire. Desse modo, e como as informações foram postas insistindo em mostrar Freire como um doutrinador

⁶ Experiência realizada por Paulo Freire na cidade de Angicos (RN) que resultou em uma alfabetização em tempo recorde de adultos na cidade.

⁷ O termo aqui apresentado se refere, em suma, àquilo que consideramos ser uma criação imagética sobre ideologia, tendo Olavo de Carvalho como principal propagador intelectual.

através dos seus escritos, os ataques soam em tom de desespero, e neles Olavo de Carvalho tece críticas ao modelo freiriano, negando suas práticas e métodos, bem como a importância que ambos tiveram no Brasil e em outros países. Percebemos que, no texto irônico, intitulado *Viva Paulo Freire!*, publicado por Carvalho em seu *blog* pessoal, as agressões são disparadas no sentido de invalidar os estudos e o trabalho exercido por Freire, chegando inclusive a desafiar os leitores a encontrarem uma pessoa que tenha sido alfabetizada pela metodologia freiriana.

Propor esse desafio é um reflexo do esforço que se tem em invalidar a perspectiva de alfabetização, que se tornou a principal marca de Paulo Freire enquanto educador. Nesse caso, Peters (2020) salienta que o apoio de figuras colocadas no patamar de intelectuais, como é o caso de Olavo de Carvalho, dá maior confiança aos seguidores do bolsonarismo, pois se entende que existe um estudioso que atende aos seus anseios.

Outro elemento importante é a ascensão da criação de conteúdos virtuais destinados exclusivamente a propagar o ideário da corrente bolsonarista, servindo como produtor dos sistemas de ataque orquestrado. Destacamos aqui o canal Brasil Paralelo, como um desses produtores de acusações, tendo inclusive um documentário produzido que registra em audiovisual a declaração de Bolsonaro, incluindo vídeos curtos com Olavo de Carvalho e Miguel Nagib (idealizador do Escola Sem Partido). Estes chegam a veicular que a teoria de Freire é preconceituosa e chamam os professores de fãs de Che Guevara.

No que tange à produção desse tipo de conteúdo, que visa repassar a ideia de um perigo latente e constante, temos a seguinte contribuição de Catalani (2018, p. 3): “[...] com o poder de ameaçar sente-se que algum poder é possível ter, nem que seja o de botar medo, mesmo que para além disso não se tenha poder algum.” Desse modo, imbuído de uma sensação de poder, o sistema de ataques se organiza na tentativa de criar o medo nas pessoas, bem como vilanizar assuntos e/ou personagens.

Desta forma, questionamo-nos até que ponto o atual governo e seus defensores podem chegar com esse intuito de destruir a imagem de Freire. Questionamo-nos também se eles seriam conhecedores das concepções freirianas. Por exemplo, esse educador, na obra *Pedagogia da autonomia*, defende que não haja difamação da imagem de alguém pelo simples fato de não concordar com suas ideias. Contudo, o que se verifica, a partir das reflexões mencionadas nas sequências das ações pejorativas, é que, de diversas formas, um grupo político trabalhou com um único objetivo: tentar vincular a Paulo Freire a imagem de ineficiência.

Na tentativa de provar que as concepções do educador não têm eficiência, esse grupo político dá visibilidade somente às suas ideias, ou seja, tenta propagar a sua concepção sobre o mencionado educador, para que assim outras pessoas passem a ter uma visão ideologicamente equivocada da educação freiriana.

Diante de tudo o que foi posto, podemos afirmar que são tempos difíceis para a educação, bem como para os educadores e educadoras que sonham com uma sociedade justa e igualitária. No entanto, apesar de ser de fato um tempo difícil para quem é movido pelos sonhos e esperanças vindos da educação, já dizia o patrono da educação brasileira que “[...] a esperança é um condimento indispensável à experiência histórica. Sem ela, não haveria História, mas puro determi-

nismo. Só há História onde há tempo problematizado e não pré-dado. A inexorabilidade do futuro é a negação da História.” (FREIRE, 1996, p. 72).

Em outras palavras, o autor quer nos dizer que, apesar dos momentos difíceis, a esperança sempre deve prevalecer. Façamos e sejamos resistência, pois a História nos absolverá. Façamos uma resistência dentro e fora da sala de aula, sejamos sujeitos críticos reflexivos, buscando melhorar nossas realidades e a realidade das gerações futuras.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do escopo do nosso texto, entendemos que foi possível levantar considerações importantes no que tange tanto a uma revisitação da obra de Freire, em particular à sua *Pedagogia da autonomia*, quanto à construção social do fenômeno do bolsonarismo e sua rivalidade contra tudo o que se refere à educação na concepção freiriana. Contudo, consideramos que as discussões realizadas aqui são preliminares a um debate que pode e deve ocorrer com aprofundamento.

Diante das leituras que nos foram possíveis empreender, reafirmamos ainda a importância de Paulo Freire para a educação, não só do nosso país, mas do mundo. É mais que merecido o título que carrega de patrono da educação brasileira, pois sua forma de pensar, de se expressar e, principalmente, sua sensibilidade de lidar com o outro são revolucionárias, independentemente da época em que vive.

Destacamos, igualmente, que esses ataques não são recentes. Trata-se de uma espécie de projeto que vem sendo colocado em prática ao longo dos anos. Parte de duas vertentes: a primeira é uma espécie de “recalque” intelectual; a segunda se refere ao fato de não se saber lidar com opiniões e ideologias contrárias, pois se acredita que o diferente oferece perigo para as “dominações” hegemônicas.

Por fim, podemos destacar o reflexo que isso traz para a educação. Esse conflito de opiniões acaba privando alguns alunos de terem contato com a perspectiva da educação libertadora que Freire defendeu em seus anos de educador.

De fato, vislumbramos que esse sistema de ataques não cessa de maneira rápida. Acreditamos que fazer educação no Brasil sempre foi um trabalho de resistência árdua. Os ataques ocorridos na realidade só trazem à luz o problema crônico da falta de reflexão dos nossos cidadãos e uma dominação que se manifesta há muito tempo em nossa história. A esperança, talvez, seja o desejo mais utópico; no entanto, acreditamos que, na posição política que os educadores ocupam, são os professores, em suma, seres de esperança.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, E. M. L. S. O contexto educacional e sua influência na criatividade. *Linhas Críticas*, Brasília, v. 8, n. 15, p. 165-178, jul./dez. 2008. DOI: 10.26512/lc.v8i15.3055. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/3055>. Acesso em: 30 jun. 2021.

AMORIM, M. A.; SALEJ, A. P. O conservadorismo saiu do armário!: a luta contra a ideologia de gênero do movimento escola sem partido. *Ártemis*, São Paulo, v. 22,

- n. 1, p. 32-42, dez. 2016. DOI: 10.15668/1807-8214/artemis.v22n1p32-42. Disponível em: <http://www.bibliotekevirtual.org/index.php/2013-02-07-03-02-35/2013-02-07-03-03-11/2046-artemis/v22n01/21071-o-conservadorismo-saiu-do-armario-a-luta-contr-a-ideologia-de-genero-do-movimento-escola-sem-partido.html>. Acesso em: 30 jun. 2021.
- BERMÚDEZ, A. C. Quem é Paulo Freire, educador brasileiro que virou alvo de Bolsonaro. *UOL*, São Paulo, 25 fev. 2020. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2019/12/18/quem-e-paulo-freire-educador-brasileiro-que-virou-alvo-de-bolsonaro.htm>. Acesso em: 30 jun. 2021.
- BOLSONARO critica TV Escola e chama Paulo Freire de “energúmeno”. [S. l.]: Band Jornalismo, 2019. 1 vídeo (1:16 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4o4YONa9byg>. Acesso em: 30 jun. 2021.
- BOLSONARO vs Freire. [S. l.]: Movimento Brasil Livre, 2019. 1 vídeo (9:39 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Kpflzbdo-HQ>. Acesso em: 30 jun. 2021.
- CARVALHO, O. Viva Paulo Freire! In: CARVALHO, O. *Olavo de Carvalho Website*, [S. l.], 19 abr. 2012. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/viva-paulo-freire/>. Acesso em: 30 jun. 2021.
- CASTRO, G. A. Cinco ideias indefensáveis de Paulo Freire. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 1 jun. 2017. Educação. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/cinco-ideias-indefensaveis-de-paulo-freire-0z1mo7zd2a3kpg79729vsihvg/>. Acesso em: 30 jun. 2021.
- CATALANI, F. Aspectos ideológicos do bolsonarismo. In: *Blog Boi Tempo*, [S. l.], 2018. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2018/10/31/aspectos-ideologicos-do-bolsonarismo>. Acesso em: 8 ago. 2020.
- CESARINO, L. Identidade e representação no bolsonarismo: corpo digital do rei, bivalência conservadorismo-neoliberalismo e pessoa fractal. *Rev. Antropol*, São Paulo, v. 65, n. 3, p. 530-557, jan. 2019. DOI: 10.11606/2179-0892.ra.2019.165232. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/165232>. Acesso em: 30 jun. 2021.
- FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UECE, 2002.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas da pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- HADDAD, S. Paulo Freire criticou socialistas e era contra doutrinação, diz biógrafo. Entrevista concedida a Wellington Ramalho. *UOL*, São Paulo, 22 dez. 2018. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2018/12/22/paulo-freire-doutrinação-escola-sem-partido-educacao-biografia-socialistas.htm>. Acesso em: 30 jun. 2021.
- LIMA, L. C. Crítica da educação indecisa: a propósito da pedagogia da autonomia de Paulo Freire. *E-Curriculum*, São Paulo, v. 7, n. 3, p. 1-12, dez. 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/curriculum/article/view/7596>. Acesso em: 30 jun. 2021.

MANGUEIRA. *A verdade vos fará livres*. Samba de enredo das Escolas de Samba 2020. Rio de Janeiro: Universal Music, 2020.

MATIAS, C. P. P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática pedagógica. *Criar educação*, Criciúma, v. 6, n. 1, p. 1-05, nov. 2016. Disponível em: <http://menteaprendente.com/wp-content/uploads/2020/08/PEDAGOGIA-DA-AUTONOMIA-SABERES-NECESSARIOS-A-PRATICA-EDUCATIVA.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2021.

MENEZES, M. G.; SANTIAGO, M. E. Contribuição do pensamento de Paulo Freire para o paradigma curricular crítico-emancipatório. *Pro-posições*, Campinas, v. 25, n. 3, p. 45-62, dez. 2014. DOI: 10.1590/0103-7307201407503. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/QJxGZXzMDX4Qjpkxd5jRfFD/?lang=pt>. Acesso em: 30 jun. 2021.

MIGUEL, L. F. Da “doutrinação marxista” à “ideologia de gênero” - Escola Sem Partido e as leis da mordaza no parlamento brasileiro. *Direito e práxis*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 15, p. 590-621, 2015. DOI: 10.12957/dep.2016.25163. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/25163>. Acesso em: 30 jun. 2021.

PELAS barbas do profeta: pátria educadora. [S. l.]: Brasil Paralelo, 1 abr. 2020. 1 vídeo (1:12:01 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UPDjF GGN2w0>. Acesso em: 30 jun. 2021.

PETERS, G. *Trollar até a morte*: a persistência do bolsonarismo nos tempos do corona. Recife: UFPE, 13 abr. 2020. Disponível em: <https://sites.ufpe.br/rpf/2020/04/13/trollar-ate-a-morte-a-persistencia-do-bolsonarismo-nos-tempos-do-corona/>. Acesso em: 30 jun. 2021

QUADROS, M. P. R. *Conservadorismo à brasileira*: sociedade e elites políticas na atualidade. 2015. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/7554>. Acesso em: 30 jun. 2021

SANTIAGO, L. Chega de doutrinação marxista: basta de Paulo Freire. *Plano crítico*, [S. l.], 20 mar. 2015. Fora de plano, n. 14. Disponível em: <https://www.plano-critico.com/fora-de-plano-14-chega-de-doutrinacao-marxista-basta-de-paulo-freire/>. Acesso em: 30 jun. 2021

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (org.). *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: UFRGS, 2009. p. 31-42.

Recebido em: 5 out. 2020

Aceito em: 12 maio 2021